

RENASCIMENTO DO HEBRAICO: A BUSCA PELA IDENTIDADE DE UM POVO

Thiago Humberto do Nascimento (USP)

**A bird that you set free may be caught again, but
a word that escapes your lips will not return⁴⁷.
(Provérbio Judeu)**

O judeu Eliezer Ben Yehuda (1856-1927), num artigo que estabelecia o vínculo entre o sentimento nacional judaico e a língua hebraica, reconhece que um povo moderno não podia ser bilíngüe. De acordo com ele, o povo judeu deveria desvincular-se das línguas nacionais e empregar uma língua comum que entesourasse as memórias históricas e culturais do povo judeu, e que fosse empregada por todas as camadas do povo. Este é um ponto muito interessante, uma vez que podemos notar o elemento nacionalista europeu na idéia de Yehuda, ou seja, o de que a língua é o principal atributo de uma nação. Entretanto, contrário ao comumente observado, a língua escrita constituía o fator de união, ao passo que as línguas faladas eram o fator divisório. Neste viés, o objetivo deste trabalho é investigar como se dá a busca e a construção da identidade do povo judeu numa perspectiva lingüística.

Sabe-se que o povo judeu utilizou o hebraico como língua falada até o período de exílio da Babilônia (circa 586 aC), quando passa a falar a(s) língua(s) nacional(is) do(s) país(es) em que se fixam (Langer 1998 e 2000, Rabin 1973, Szpiczkowski 1998b, entre outros). Apesar de terem abandonado a língua hebraica falada, mantiveram sua identidade através da tradição, cultura e religiosidade comum escritas nos textos bíblicos, orações, literatura, etc; ou seja, o hebraico vinha sendo utilizado desde então como elemento de manutenção e não de comunicação no dia-a-dia. Por esta função sociológica, mesmo antes da criação do Estado de Israel, em 1948, o hebraico já podia ser, em certa extensão, considerado um fator de identifica-

⁴⁷ *Um pássaro que libertas pode ser apanhado novamente, mas uma palavra que escapa de teus lábios nunca retornará.*

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

de e seu uso ininterrupto, nestes termos, propiciou a integração do povo judeu, apesar das influências culturais exercidas pelas culturas nas quais estavam inseridos.

A cultura judaica enraizada na Europa Oriental (Polônia, Rússia e redondezas) tinha características bem definidas: além das línguas européias, era escrita e falada em língua ídiche. O ídiche, originário de Ashkenaz (Alemanha medieval), de onde migraram os judeus poloneses durante a Baixa Idade Média, utiliza caracteres hebraicos, e apresenta elementos eslavos e de origem germânica. O ídiche, contudo, era considerado *uma língua sem gramática*. Havia também comunidades de judeus que empregavam o aramaico (língua semítica, aparentada ao hebraico) e ainda outras que falavam o ladino (língua judaico-espanhola que se desenvolveu na Espanha). Todas essas são línguas que, exceto o aramaico, desenvolveram-se a partir de um contexto de contato entre judeus de diversas partes que não compartilhavam uma língua em comum, criando assim um modo de comunicação comum, que se gramaticalizou posteriormente. O ídiche viu o seu declínio após a última Guerra Mundial e o holocausto, ocasiões em que o extermínio dos falantes levou o idioma aos caminhos da quase extinção.

Szpiczkowski (1998b) afirma que *o Iluminismo, o Sionismo e o estabelecimento do Estado de Israel foram (...) etapas para o israelita se tornar um povo como qualquer outro. (...) um povo com um país como outro qualquer, com uma língua própria*. Contudo, aponta que houve fatores não-lingüísticos exercendo papel central no renascimento da língua falada, o poder catalisador do fervor nacional sionista. Nesta esteira, podemos remeter às idéias de Yehuda, ao desenvolver a teoria do nacionalismo judaico, insistindo na necessidade do estabelecimento da população judaica na Palestina. A proposta de Yehuda se diferenciava da sionista uma vez que tinha como objetivo salvar a literatura hebraica e não o povo ou devolver-lhe a dignidade; a proposta sionista, além disso, dizia respeito ao sonho de mais de 2000 anos de retornar a Sion.

A reconstrução da língua hebraica, um empreendimento fundamentado em uma ideologia inspirada no nacionalismo europeu, foi baseada na linguagem bíblica, da Mischná, do Talmude e dos Midraschim; esta combinação de elementos estruturais de diversas fon-

tes constitui o hebraico de hoje. Obviamente, assim como qualquer outra língua, houve a criação de muitas palavras novas, tanto pela junção de termos já existentes ou mesmo pela livre criação conforme a necessidade de um vocábulo mais adequado, a partir de raízes hebraicas ou aramaicas. Langer (1998) divide o hebraico moderno em quatro camadas *lingüísticas*, ou seja, em quatro *períodos-fonte* nos quais se baseou a reconstrução da língua (resumidamente):

1. Período Bíblico (2000 aC), que é a base da língua falada atualmente;
2. Período Mischnaico (século VII dC), com base no Talmude, Mishna e Midrash; aramaico, grego e *românico*;
3. Período Medieval (final do século II dC até o século XIX), em que o hebraico se encontra no exílio; poesia hebraica (*pi-yut*);
4. Período Contemporâneo (últimos 200 anos), em que o hebraico aparece com o movimento de volta ao lar judaico (pós 1700); literatura hebraica, antes do retorno; purismo lingüístico, que leva à retomada do hebraico falado; iluminismo e idéias nacionalistas européias.

Szpiczkowski (1998a), ao tentar explicar a ligação entre a língua de uma sociedade e sua cultura, afirma que é fácil reconhecer as *partes da realidade* que recebem uma designação em uma língua e duas ou mais em outra, e vice-versa. A autora segue considerando que *nem sempre é possível explicar de onde vêm as diferenças nesta divisão entre as línguas* [e que] *normalmente é possível verificar que em cada língua esta divisão reflete a situação cultural e social da sociedade dos falantes e de sua localização geográfica* (*op. cit.*, p. 164). O interessante de sua observação é que nada de novo existe nela, é apenas um comentário trivial (verdadeiro, mas trivial!) e que não nos revela nada de novo acerca da natureza da relação língua x cultura, tampouco sobre como o hebraico reflete melhor, e se reflete, a imagem dos judeus como um povo, uma nação.

Ao citar o caráter educacional do hebraico (hebraísmo), chegando a compará-lo ao Helenismo, Szpiczkowski toca, aí sim, num ponto importante: por ser a língua materna do povo judeu, independentemente de o falarem correntemente ou não, pelas tradições, reli-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

giosidade e cultura, o hebraico é uma semente importante. Através dele é possível que os judeus de Israel e os judeus estrangeiros criem pontes e vínculos de identidade. Deste modo, o judeu deixa de ser apenas um *aglomerado* ligado pela religião somente e passa a constituir um povo. O idioma, então, é tanto um instrumento do Estado, formal, quanto um instrumento de preservação da memória que possui um contexto *espiritual* até.

As necessidades sociológicas foram engendradas pela variedade de línguas trazidas a Israel de todos os pontos da diáspora: iídiche, ladino, alemão, russo, árabe, persa e outras; nenhuma dessas línguas poderia servir como uma língua comum. No passado, judeus de diversas diásporas contaram com a escrita hebraica como veículo de comunicação, e que por isso foi apropriada para servir como língua comum, unindo as diversas comunidades e preenchendo uma crucial função sociológica. No caso do iídiche, de acordo com Hutton (1999) o sonho de uma cultura de diáspora que devia ser, não obstante, uma cultura nacional, já era muito mais abstrato do que os demais nacionalismo europeus;

Quando falamos em renascimento de uma língua, queremos dizer não necessariamente sua recuperação de um estado já extinto, o termo pode significar, também, diversas maneiras de impedir seu declínio. No caso do hebraico, que nunca deixou efetivamente de ser usado, apesar de não falado correntemente por um longo tempo, sua *ressurreição* implica nos eu renascimento como língua falada. Rabin (1970) afirma que a partir do século sexto, o uso do hebraico escrito se difundiu gradativamente por todas as comunidade judaicas e que a comunicação em hebraico escrito era corrente em livros, documentos jurídicos e cartas particulares.

Se levarmos em conta o conceito moderno que temos de língua nacional, que satisfaz todas as necessidades de comunicação dentro de uma comunidade, veremos que, a idéia política de nacionalidade tomou forma no final da Idade Média, somente, e juntamente com ela a de língua nacional. Na Idade Média era comum que a língua falada não fosse escrita e os que sabiam escrever escolhessem alguma das línguas *clássicas* de prestígio (como o latim, grego, eslavo, árabe e o sânscrito). No caso do hebraico, apesar de a situação ser parecida, o analfabetismo era raro, ao menos entre os homens.

Seguindo as tendências européias, o estilo bíblico puro e elevado pareceu atuar como um substituto do nacionalismo para os judeus, quando da opressão a que estavam submetidos nos guetos.

Em outubro de 1881, o judeu Ben Yehuda chega à Palestina. Em suas memórias, ele nos conta que, desde o começo, só se expressava em hebraico, que apesar de bastante difundido seu alcance era limitado. Seu objetivo era que o hebraico fosse a língua do comércio entre comunidades, do seio familiar, do círculo de amizades, e a das salas de aula. Isso colocaria cada criança em contato freqüente com o idioma. Mesmo com os esforços maciços para tornar o hebraico a língua nacional e o vernáculo falado dos judeus, antes do estabelecimento do Estado de Israel, o idioma ainda não contava com uma posição bem firmada. O caráter de *integração* do hebraico foi um dos fatores responsáveis que fizeram com que o israelense ficasse ávido em adquirir um conhecimento prático do hebraico, pois o hebraico funciona como a língua franca do conglomerado de grupos lingüísticos que compõem a população de Israel.

Os imigrantes também estavam determinados a construir para si uma vida nova, diferente daquela que levavam na Rússia, e estavam dispostos a qualquer renovação que os afastasse da assimilação na Europa e que os aproximasse de uma existência cultural judaica autônoma. A idéia de Yehuda de falar a língua no seio da família não obteve muito êxito, e ao ser estendida às escolas é que trouxe os resultados almejados.

Um dos grandes problemas, como apontado por Rabin (1973), foi o da limitação do vocabulário hebraico no começo do período do renascimento, uma vez que, quem utilizava o hebraico como língua diária, necessitava de palavras adequadas aos contextos em que o discurso se inseria. Esta necessidade podia ser suprida com o cunho de novas palavras e expressões, a principio, tendo como fonte o Talmude, especialmente. Entretanto há casos em que existem invenções e conceitos para os quais dificilmente um termo adequado existe na linguagem das fontes; nestes casos existiu a necessidade de inventar palavras e ainda existe.

A língua de uma comunidade social é o instrumento pelo qual se manifesta a cultura comum e que lhe dá forma, em qualquer sociedade ocorre este intercâmbio entre cultura e língua. No caso do he-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

braico, a língua bíblica expressa a cultura, as formas do pensamento judaico codificadas, enquanto a língua israelense moderna está ligada ao modo de pensar do povo de Israel: depois de absorver a cultura ocidental, determinará que o hebraico israelense será influenciado pelas línguas e culturas ocidentais.

Ao nascerem as primeiras crianças falantes *nativas* do hebraico, no seio das famílias que o falavam, e que foram, posteriormente, educadas no idioma, obteve-se o êxito: sem nenhum esforço especial, após mais de 1800 anos, elas eram os primeiros judeus que não conheciam outra língua que não o hebraico. O estabelecimento do estado de Israel conferiu ao hebraico o *status* de língua oficial e ao mesmo tempo uma posição reconhecida internacionalmente. Contudo, essa mudança do status de uma língua marginal para um de oficial expressou-se, principalmente, nas manifestações literárias que surgiram com a Guerra da Independência: uma geração toda, de jovens nascidos na Palestina, começou a sua carreira literária se expressando numa linguagem bem distante de qualquer influência das fontes; ou seja, neste instante, estava sendo exposto a todos o resultado do renascimento da língua.

Sobre essa questão do renascimento, exposta acima, Rabin (1973) diz que *certamente não havia sido o mesmo desejado pelos responsáveis pelo renascimento* (op. cit., p. 107). Com esse tipo de argumentação, o autor demonstra o preconceito subjacente à sua crença de renascimento, e vai até mesmo contra o próprio conceito de *revivamento* da língua, nos termos de Yehuda. Para Rabin, havia os *responsáveis* e os demais falantes seriam apenas coadjuvantes neste processo; isso, obviamente, inviabilizaria o processo de adoção do idioma pela população, caso houvesse, de fato, um controle em detrimento da evolução natural do idioma falado. Fica clara a posição de Rabin sobre como deveria ser o renascimento do hebraico, em suas palavras:

Quando o hebraico se tornou a língua de comunicação da juventude, dos não instruídos, de toda a classe de pessoas, de todos os setores de atividade, ele escapou forçosamente do zelo dos escritores de estilo aprimorado e dos gramáticos cautelosos e começaram a atuar dentro dele [do hebraico] todas aquelas forças que, incessantemente, alteram a estrutura das línguas vivas. (RABIN, 1973: 107, grifos meus).

Aparentemente, as forças a que o autor faz referência certamente tinham algo de alarmante, que devia ser evitado; para ele, esse fenômeno, inevitável, era causado, ou expresso, pelos não instruídos, por *todas* as classes de pessoas, e que somente o zelo dos escritores e dos gramáticos cultos podia combater; Isso nos remete à questão da língua ídiche, que era considerada uma língua sem gramática. Nos é informado em Rabin (p. 88), que uma das características da Haskalá foi a oposição ao ídiche porque era considerado um sintoma da lamentável situação dos judeus. Hutton (1999), relatando a mesma questão acrescenta que se acreditava que o ídiche, por seu caráter híbrido – parte judeu (hebraico e aramaico) e parte *gentil* (romance, germânico e eslavo) -, era o espelho de estado precário dos judeus no exílio e uma língua de passividade e fraqueza. Somente o hebraico, continua o autor, com suas associações com a dignidade e força poética, que fazia a ponte com o passado e o conceito de nação judaica, poderia suprir a ruptura presente e remeter o futuro a toda a glória perdida pelo povo judeu. Mas a escolha do hebraico como língua nacional e não do ídiche é complexa. Não se pode simplesmente atribuir às forças conservadoras a escolha do hebraico. Talvez esteja aí parte da razão do discurso alarmista e preconceituoso de Rabin, bem como parte dos motivos que já excluía qualquer possibilidade do ídiche ser a língua do Estado também. Isso fica mais claro quando Rabin fala de como as inovações lingüísticas foram incorporadas pelo hebraico:

Quer estas alterações no hebraico tenham sido causadas pela ignorância de parte dos falantes, quer seja pela influência das línguas estrangeiras que falavam anteriormente, ou pela influência do inglês (...), ou ainda, estas alterações tenham sido causadas – como têm alegado os jovens lingüistas que adotam métodos científicos ocidentais – por forças geradas dentro da própria língua, o fato é que a língua falada se distanciou da língua da literatura...(RABIN, 1973: 107-108)

E mais adiante:

Lingüistas de todo o mundo começaram a se interessar pela evolução do hebraico, o qual consideravam uma espécie de laboratório experimental dos fenômenos da lingüística geral, e pode ser que esta controvérsia pôs fim definitivamente à atitude de descrença e desprezo com que os lingüistas (...) encaravam esta tentativa de reviver “artificialmente” uma língua morta. (RABIN,1973: 108-109)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

É interessante notar que o autor em questão lança mão de razões bastante peculiares para justificar as mudanças lingüísticas e aproveita a deixa e ataca os lingüistas, como se estes fossem os que realmente não aceitavam o revivamento do hebraico, quando, na verdade, é justamente Rabin quem não aceita que a língua siga seus próprios cursos. Hutton (1999) afirma que, em fins do século XIX, com a crescente dominância dos neogramáticos, o iídiche começou a ser estudado como parte da germanística, por si um ramo proeminente da Lingüística Comparativa Indo-européia. Os estudos histórico-comparativos prometiam o máximo de neutralidade em relação ao fenômeno lingüístico, e uma abordagem do iídiche poderia ser feita, inclusive incluindo-o na família lingüística germânica, como atestado a obra do lingüista norte-americano Edward Sapir (1915/1916).

Por volta de 1912-1914, instalou-se uma discussão sobre o lugar que o hebraico deveria ocupar no sistema de educação, esta discussão culminou com o que foi chamado de *guerra dos idiomas* do qual o hebraico saiu vitorioso. À época, havia uma rede de escolas dirigidas por judeus alemães que restringia cada vez mais o lugar do hebraico em seu currículo, introduzindo o alemão em seu lugar. Os dirigentes da atual Escola Politécnica, então Technion, decidiram que as aulas de ciências naturais seriam ministradas em alemão, por ser *a mais cultural das línguas*, o que suscitou numa grande revolta dos sionistas judeus e a nação em massa se opunha a substituição do hebraico pelo alemão. Esta luta passou a ser em função de proteção ao idioma hebraico e da instalação de escolas hebraicas. Essa guerra foi útil uma vez que impulsionou a difusão do hebraico, o qual passou a ser falado num âmbito muito maior. Falar hebraico tornou-se uma questão de princípio e de moda, uma reação contra a imposição de uma língua.

Com o surgimento do Estado, começaram as ondas de imigração, que acrescentaram milhares de novos habitantes ao território. Nesta ocasião, o hebraico era a única língua em uso na sociedade israelense, que fornecia aos imigrantes, de diferentes origens, um meio de comunicação. Nenhuma outra língua falada pelos imigrantes teve qualquer chance de se tornar língua veicular; desde o surgimento do Estado, os contatos pessoais, entre membros de diferentes comunidades de imigrantes em Israel, tornaram-se mais freqüentes, oferecendo a oportunidade de intercambio lingüístico mais extenso. O e-

xército teve um papel muito importante, também, ao contribuir para a amalgamação das comunidades vindas da diáspora e em relação ao ensino da língua hebraica aos imigrantes jovens, quando necessário.

A identidade judaica volta a tomar corpo e a fincar raízes no mesmo solo em que pereceu a grande maioria dos 6 milhões de judeus durante o Holocausto. Fala-se, cada vez mais, em uma identidade judaica. Jovens redescobrem a sua herança, há tanto perdida. Sabiam que eram judeus, mas não sabiam o que era ser judeu. Na melhor das hipóteses, tinham uma identidade negativa; ou seja, eram judeus porque não eram alemães ou húngaros ou poloneses.

Podemos observar, e concluir disso, que a aproximação do hebraico ao povo implica em diversas questões sociológicas, culturais, lingüísticas, políticas, econômicas, etc. O renascimento da língua hebraica é uma das mais importantes conquistas; e é inegável o fato de que é importante difundir conhecimentos do hebraico principalmente porque ele é a língua oficial de um país judaico. É inegável isto! Na esteira de Rajagopalan (2003), a identidade de um povo não é algo pronto, algo que se tem *a priori*, mas algo que é construído ao longo da história desse povo; o tema da identidade está associado à formação da nação, uma nação precisa de cultura e intelectuais para formular esta cultura, que vai ser referência a um passado comum e a um povo; este será a base e o portador da cultura e, conseqüentemente, da nação.

Nunca haverá uma resposta superior à pergunta *O que é ser judeu?*, pois perguntar-se pela identidade faz parte da vida judaica. Só resta *sugerir*, talvez, que o judeu é judeu porque se pergunta o que é ser judeu! O problema não é de agora, faz parte da História e até mesmo Freud passa boa parte de sua vida perguntando sobre o que é ser um judeu. A língua hebraica, a língua comum que entesourou as memórias históricas e culturais, talvez seja a forma mais concreta de se aproximar de uma identidade do povo judeu: assim como a língua, o povo judeu está em constante mudança e a cada estágio possui características próprias e únicas; cada tentativa de descrição ou definição é apenas parcial, verdadeira, mas ainda parcial. Ser judeu é ser uma pluralidade sob um único nome!

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUTTON, Christopher M. *Linguistics and the Third Reich. Mother-tongue facism, race and the science of language*. Routledge Studies in the History of Linguistics, 1999.

LANGER, Eliana R. Ressurgimento da língua hebraica e suas implicações culturais. *Revista de Estudos Orientais*, n° 2 p. 63-76. Humanitas Publicações, 1998.

———. *Uma história simples: a aventura de traduzir Agnon*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2000.

RABIN, Chaim. *Pequena história da língua hebraica*. Summus, 1973.

——— *et al.* *Ressurgimento da língua hebraica*. B'nai B'rith, 1970.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma Lingüística crítica – linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

SZPICZKOWSKI, Ana (1998a). A essência do hebraico. *Revista de Estudos Orientais*, n° 2, p. 23-28. Humanitas Publicações.

———. A língua hebraica como fator de integração de um povo. *Língua e Literatura*, n° 24, p. 161-167. Humanitas Publicações, 1998b.